

EDITORIAL

A exposição e o seu apelo O Japão e a sua lição

A exposição tem por tema a harmonia. É um grito de esperança. Um apêlo à consciência dos homens. Que impede os homens de viverem em harmonia? Interesses contrários? Porque não os ajustam? Cedendo mutuamente ao preço de justificados sacrifícios teriam como prêmio a paz. E quem não reconhece que a paz vale muitos sacrifícios?

Este apêlo à harmonia entre os povos está nos diversos pavilhões. Em todos é o mote. No nosso também, sendo glosado dum modo particularmente saboroso.

Fronteira à porta de entrada está uma réplica do padrão de Tanagashima. Consagra este padrão, erguido nessa ilha por iniciativa e próprias mãos dos japoneses, a nossa chegada ali em 1553. É riquíssimo de significado, pois para além desta nossa chegada consagra o primeiro encontro da Europa cristã com o Japão-sintoísta-budista. A sua réplica em boa hora colocada no portal do nosso pavilhão apresenta-se-nos duma grandeza inesperada. Colocada nesse recinto devotado à harmonia ambos os significados do padrão que representa são ultrapassados. Evadindo-se das apertadas fronteiras do passado, essa réplica torna-se evocativa daquele sentimento de esperança que desrespeitando os ensinamentos da história teima em morar em muitos corações e os faz crentes que a harmonia acabará, um dia, por reinar entre os povos, mesmo quando os separe grande distância e sejam dispares de cultura.

Além dos pavilhões e a emprestar um particular relevo ao tema da harmonia está também aí, um Museu. A arte de todo o Mundo nele se revela através das inúmeras peças preciosas vindas dos mais variados recantos da Terra, no propósito de mostrar quanto são afins os anseios artísticos das gentes do Orbe. Como este Museu nos fala ao coração! Como nele a humanidade nos aparece efectivamente um todo! Como a percorrê-lo também nos esperamos de ver um dia os povos entenderem-se entre si!

Nos recintos que rodeiam os pavilhões e esse Museu, espantoso, vêem-se em passeio milhares de visitantes. Segundo informações, apenas dois por cento não são japoneses. Nessa imensa mole

deambulante os estrangeiros quase passam despercebidos. É por grupos que os japoneses visitam a exposição. São numerosos os de camponeses, mas os que mais sobressaem são os de estudantes. Milhares de pequenos de idade escolar, em formatura, cruzam a exposição em todos os sentidos, distinguindo-se os colégios a que pertencem, uns pela côr dos barretes, outros pela côr do fardamento e todos pela bandeira que o monitor arvora à frente da formação.

Não foi apenas na Exposição que vimos excursões escolares. Em todos os monumentos visitados os encontramos, sempre com os seus monitores e estes com a sua bandeira. Vimo-las também naquelas poucas indústrias que tivemos ocasião de visitar.

Estas excursões de estudo, que se vêem por toda a parte, reflectem, necessariamente, a preocupação que há neste país de instruir e educar a juventude. A impressão colhida é mesmo que a educação da mocidade constitui para os dirigentes nipónicos a sua maior preocupação. Certamente consideram que o futuro dos cem milhões de japoneses que hoje enchem essas ilhas e dos seus descendentes está na mão dessa juventude que só devidamente instruída e educada poderá garantir que o seu país continua na vanguarda das nações industrializadas.

É fora de dúvida que o apelo à harmonia dos povos é uma das lições de Osaka. A história do passado carregada de guerras e lutas resfria necessariamente qualquer entusiasmo por essa lição. Pelo contrário, a preocupação que no Japão encontramos de instruir e educar os homens exaltou-nos extraordinariamente. O tratamento de carinho que aí vimos ser dado à juventude constituiu talvez a maior lição de civismo já recebida. Tão grande a entendemos que sentimos o dever de a divulgar entre nós. Na verdade, quer na instrução, quer na educação das nossas crianças há ainda muito que fazer. Certo, temos, hoje, vigentes leis sociais de muita justiça, mas enquanto a instrução e educação das nossas crianças não for preocupação dominante da legislação, afigura-se-nos que não nos podemos considerar no verdadeiro caminho da justiça social ■